

4 - “O mestre cria-nos o espírito”

“O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito, é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família, é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco — Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus — Aristarco.”

Um último gesto espaçoso, como um jamegão no vácuo, arrematou o rapto de eloquência.

Eu me sentia compenetrado daquilo tudo; não tanto por entender bem, como pela facilidade da fé cega a que estava disposto. As paredes pintadas da ante-sala imitavam pórfiro verde; em frente ao pórtico aberto para o jardim, graduava-se uma ampla escada, caminho do andar superior. Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dois quadros de alto-relevo; à direita, uma alegoria das artes e do estudo; à esquerda, as indústrias humanas, meninos nus como nos frisos de Kaulbach, risonhos, com a ferramenta simbólica — psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, dulia permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!

Por ocasião da festa da ginástica, voltei ao colégio.

O Ateneu estava situado no Rio Comprido, extremo ao chegar aos morros.

As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea — a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura.

No dia da festa da educação física, como rezava o programa (programa de arromba, porque o secretário do diretor tinha o talento dos programas) não percebi a sensação de ermo tão acentuada em sítios montanhosos, que havia de notar depois. As galas do momento faziam sorrir a paisagem. O arvoredado do imenso jardim, entretecido a cores por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de estranha alegria; os vistosos panos, em meio da ramagem, fingiam flores colossais, numa caricatura extravagante de primavera; os galhos frutificavam em lanternas venezianas, pomos de papel enormes, de uma uberdade carnavalesca. Eu ia carregado, no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que me não extraviasse.

Mergulhado na onda, eu tinha que olhar para cima, para respirar. Adiante de mim, um sujeito mais próximo fez-me rir; levava de fora a fralda da camisa... Mas não era fralda; verifiquei que era o lenço. Do chão subia um cheiro forte de canela pisada; através das árvores, com intervalos, passavam rajadas de música, como uma tempestade de filarmônicas.

Um último aperto mais rijo, estalando-me as costelas, espremeu-me, por um estreito corte de muro, para o espaço livre.

Em frente, um gramal vastíssimo.

4 – “O mestre cria-nos o espírito” (Glorificação)

“O **mestre**, **perorou**¹ Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia **zeloso** dos primeiros passos, na senda² escabrosa que vai às **conquistas do saber e da moralidade**. Experimentado no labutar cotidiano da **sagrada profissão**, o seu **auxílio ampara**-nos como a **Providência** na Terra; **escolta**-nos **assíduo** como um **anjo da guarda**; a sua lição **prudente esclarece**-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre **cria**-nos o **espírito** (sorites³ de sensação), e o espírito, é a força que **impelle**, o impulso que **triumfa**, o triunfo que **nobilita**, o enobrecimento que **glorifica**, e a glória é o **ideal da vida**, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família, é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o **mestre**, com amor forte que **ensina** e **corrige**, **prepara**-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco — Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus — Aristarco.”

Um último gesto espaçoso, como um **jamegão**⁴ no vácuo, arrematou o rapto de eloquência.

Eu me sentia **compenetrado** daquilo tudo; não tanto por entender bem, como pela facilidade da **fé cega** a que estava disposto. As paredes pintadas da ante-sala imitavam pórfiro verde; em frente ao pórtico aberto para o jardim, graduava-se uma ampla escada, caminho do andar superior. Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dois quadros de alto-relevo; à direita, uma **alegoria das artes e do estudo**; à esquerda, as **indústrias humanas**, meninos nus como nos frisos de Kaulbach, risonhos, com a ferramenta simbólica — psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o **colégio, tradução concreta da alegoria**, ronda angélica de corações à porta de um templo, dulia⁵ permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!

Por ocasião da festa da ginástica, voltei ao colégio.

O Ateneu estava situado no Rio Comprido, extremo ao chegar aos morros.

As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino⁶ dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea — a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura.

No dia da festa da educação física, como rezava o programa (programa de arromba, porque o secretário do diretor tinha o talento dos programas) não percebi a sensação de ermo tão acentuada em sítios montanhosos, que havia de notar depois. As galas do momento faziam sorrir a paisagem. O arvoredado do imenso jardim, entretecido a cores por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de estranha alegria; os vistosos panos, em meio da ramagem, fingiam flores colossais, numa caricatura extravagante de primavera; os galhos frutificavam em lanternas venezianas, pomos de papel enormes, de uma uberdade carnavalesca. Eu ia carregado, no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que me não extraviasse.

Mergulhado na onda, eu tinha que olhar para cima, para respirar. Adiante de mim, um sujeito mais próximo fez-me rir; levava de fora a fralda da camisa... Mas não era fralda; verifiquei que era o lenço. Do chão subia um cheiro forte de canela pisada; através das árvores, com intervalos, passavam rajadas de música, como uma tempestade de filarmônicas.

Um último aperto mais rijo, estalando-me as costelas, espremeu-me, por um estreito corte de muro, para o espaço livre.

Em frente, um gramal vastíssimo.

O Ateneu - pp 20-22

Levante, classifique e analise os campos lexicais do sagrado, da pureza, da virtude.

A simbólica dos anjos. Alegorias.

1 **Perorar / Peroração** : Em retórica clássica, uma **peroração** é a parte final de um discurso, sendo um dos quatro ou cinco componentes de sua parte dispositiva. A peroração tem dois propósitos principais: lembrar à audiência os pontos principais do discurso (*recapitulatio*) e influenciar suas emoções (*affectus*).

2 **Senda escabrosa** : Sentiers scabreux, obscènes

3 **Sorites** : Lógica. Raciocínio composto de uma série de proposições ligadas entre si de maneira que o predicado de uma torna-se o sujeito da seguinte, e assim até à conclusão, que tem como sujeito o sujeito da primeira e como predicado o predicado da última proposição anterior à conclusão. // **Sorité** (grec soros : tas, monceau, accumulation). En logique, selon Aristote (Metaphy. 1, 3,11, etc.) suite de syllogismes agencés de telle sorte que l'attribut de chaque proposition devienne le sujet de la suivante. Ainsi : tout A est B, or tout B est C, or tout C est D, or tout D est E, donc tout A est E. Selon cette suite, l'attribut de chaque proposition devient le sujet de la suivante jusqu'à la conclusion qui a pour sujet le sujet de la première proposition et pour attribut l'attribut de l'avant-dernière. Les sorites sont des raisonnements fonctionnant par inclusions ou attributions successives, par exemple : « Tous les hommes sont des mammifères, tous les mammifères sont des vertébrés, tous les vertébrés sont des animaux, tous les animaux sont des êtres vivants, donc tous les hommes sont des êtres vivants. »

4 **Jamegão** : Nome firmado na parte inferior de um documento; assinatura, rubrica, firma - Paraphe

5 **Dulia** : Culto que se rende aos santos e aos anjos. - Dulie

6 **O sol a pino** = soleil au zénith